

Brasília em alerta contra a dengue

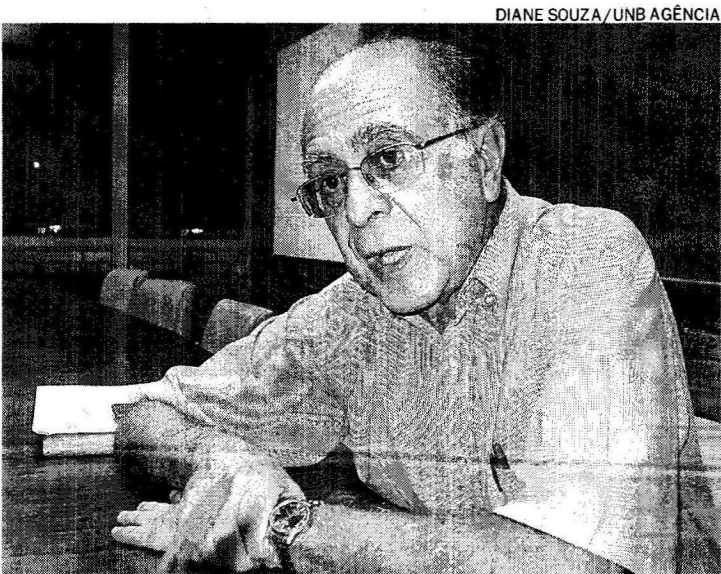
O Distrito Federal está em situação de alerta contra a dengue. De acordo com dados mais atuais do Levantamento de Índice Rápido de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA) do Ministério da Saúde, o Índice de Infestação Predial (IIP) do DF dobrou de 2005 para 2006. Passou de 0,7% para 1,4%. Isso significa que, a cada 100 casas, 1,4 tem focos de larvas do mosquito. Para o Ministério, o DF saiu de uma situação satisfatória para estado de alerta.

A Diretoria de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde do DF admite o aumento no número de casos de dengue no DF. Em 2004, foram confirmados 189. No ano passado, subiu para 294 – crescimento de 55,5%. No entan-

to, a diretora de Vigilância Ambiental em Saúde do DF, Miriam dos Anjos Santos, afirma que não há motivo para a população ficar alarmada.

– Cerca de 50% das pessoas que tiveram a doença foram contaminadas em outros estados do Brasil – diz.

O professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB) Pedro Tauil, especialista em epidemiologia, explica que o DF tem uma proteção natural contra a doença porque a unidade da federação está em uma altitude acima de mil metros do nível do mar e tem longo período de seca. O mosquito, por sua vez, adapta-se melhor a locais de altitude mais baixa e de maior umidade.



Pedro Tauil: o DF tem proteção natural por causa da altitude

Em 2004, foram 189 casos confirmados. Ano passado, subiu para 294, um aumento de 55,5%

– Um dos surtos que ocorreu no DF, em 2002, foi em São Sebastião, que tem altitude de cerca de 800 metros, mais baixa que a maioria das cidades da região – observa Tauil, doutor em Medicina

Tropical pela UnB.

Segundo dados da Secretaria de Saúde, São Sebastião, localizada a 30 quilômetros de Brasília, ainda é o ponto mais vulnerável a ter novos casos de dengue no Distrito Federal. O IIP dela é de 3,5% - o que significa que, a cada 100 casas, 3,5 têm focos de larvas do mosquito. O fato preocupa o governo e a administração local.

A população não se mostra tão atenta ao problema quanto deveria. Embora cerca de nove casos da doença tenham sido

confirmados na região em 2006. Em muitas ruas de São Sebastião há entulhos, recipientes plásticos, garrafas, latas e sucatas. São esses justamente os principais criadouros do mosquito na cidade.

A diretora de Vigilância Ambiental em Saúde diz que, apesar de os meses entre janeiro e março serem uma época em que pode haver aumento no número de casos de dengue por conta das chuvas, a situação pode ser contornada com a ajuda da comunidade.

– O perigo não está ligado à precipitação mais intensa, mas ao descuido da população, já que 80% dos criadouros dos mosquitos no DF foram encontrados dentro das residências – diz Miriam.

De acordo com ela, os cuidados necessários para diminuir a probabilidade de incidência na região são evitar o acúmulo de água em recipientes abertos, observar se a caixa d'água está fechada, lavar semanalmente vasilhas de animais domésticos e vasos de plantas, ou colocar areia neles, entre outras medidas.

UnB Agência



Aldenora Alves: “Sei que a dengue pode até matar”

■Em São Sebastião, faltam limpeza urbana e educação

Moradores de São Sebastião, a dona-de-casa Aldenora Alves Soares, 51 anos, e o garçom José Martins Rosa, 51 anos, sentiram na pele os sintomas da dengue em 2002. O casal teve febre, calafrio, dorés de cabeça e no corpo.

– Foi bem na época em que se começou a falar sobre a dengue. Sentia tanta dor que chegava a chorar – lembra-se Aldenora.

Para evitar novos dissabores, eles estão mais cuidadosos com o quintal da casa. Observa os recipientes, cuida da caixa d'água, procura por água acumulada e por qualquer outra condição que possa servir de criadouro para o mosquito.

Mas o perigo mora bem ao lado da casa de Aldenora. O quintal da vizinha Maria Selma Cardoso, 41 anos, é cheio de latas, pneus e recipientes propícios ao

Aedes aegypti. Ela conta que seu marido é mestre-de-obras e não permite que ela retire o entulho da frente da residência há mais de quatro anos.

– Fico preocupada. Tenho uma criança de nove anos e outra de 12. Sei que a dengue pode até matar – admite.

Segundo o administrador interino de São Sebastião, Wilmar de Assunção e Silva, o grande problema da cidade é a falta de educação ambiental.

– A região cresceu muito rápido e de forma desordenada. Entrei para a administração agora e entre as prioridades da nova gestão estão a limpeza, a melhoria da infra-estrutura e do saneamento básico, além do apoio a campanhas contra a dengue – diz Silva.

O agente de vigilância ambiental Manuel José dos San-

tos, 60 anos, atua em São Sebastião e confirma que o grande problema da cidade é a falta de ação por parte da população.

– O grande problema é a falta de consciência da população. As pessoas sabem o que fazer, mas não têm ação – denuncia Santos.

Além disso, ele critica o sistema de coleta de lixo da cidade diz que ele também propicia a incidência de dengue na região. De acordo com a administração, os caminhões de lixo, de responsabilidade da empresa Qualix, passam por cada casa apenas duas vezes por semana. O GDF está se mobilizando para mudar a situação. Além dos 750 agentes de vigilância ambiental que visitam as residências de todo o DF, cinco vezes por ano, o planejamento é de que, a partir do dia 22, agentes de sete instituições e pessoas da comunidade local passem a combater a dengue em São Sebastião com uso de bioinseticida em vez de larvicida.

Transmissão por mosquito

O que é dengue – a dengue é uma doença causada por vírus e caracterizada por uma súbita febre alta. A doença se manifesta entre três e 15 dias após a picada do mosquito *Aedes aegypti* (fêmea), que se desenvolve em áreas tropicais e subtropicais. A dengue não é transmitida por meio do contato direto com pessoas doentes. O mosquito adquire o vírus ao picar uma pessoa doente e o transmite também por meio da picada. A doença pode se manifestar de duas formas: a clássica, mais comum e, em geral, sem apresentar complicações, e a hemorrágica, mais grave e de evolução rápida.

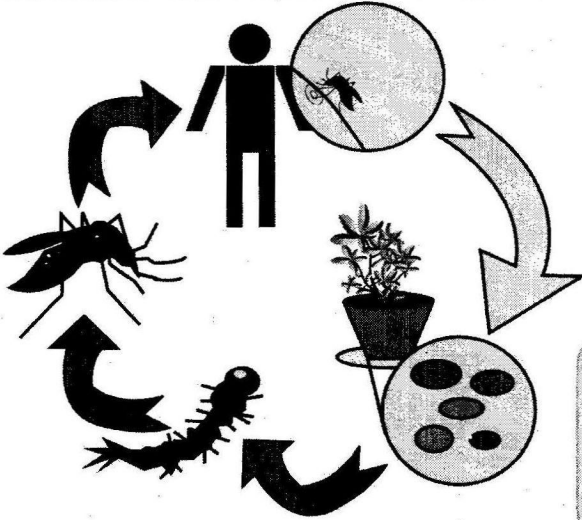
Tipo de dengue – as diferentes formas de manifestação da doença – clássica e hemorrágica – não estão relacionadas aos tipos de dengue, pois são os diferentes sorotipos presentes no vírus causador da doença que os determinam. O vírus da dengue possui quatro sorotipos: DEN-1, DEN-2, DEN-3 e DEN-4. A infecção por um deles dá proteção

permanente para o mesmo sorotipo e imunidade parcial e temporária contra os outros três. Ainda não circula no Brasil o tipo 4, mas especialistas aguardam a circulação do sorotipo no país, já que ele está presente na América do Sul em países como Venezuela e Colômbia.

Gravidade – Embora o sorotipo do vírus causador da dengue possa ser mais ou menos virulento, a gravidade da doença está relacionada à recorrência. Por questões imunológicas, uma segunda infecção pode levar a uma dengue hemorrágica, manifestação mais grave da doença. Ela apresenta um quadro clínico que se agrava rapidamente, a partir de sinais de insuficiência respiratória e choque, podendo levar a pessoa a morte em até 24 horas. Cerca de 5% dos pacientes com dengue hemorrágica morrem.

Fonte: Com informações do Ministério da Saúde

Ciclo da doença



Como se pega dengue?

O principal vetor da doença é o mosquito *Aedes aegypti*, que após picar uma pessoa com dengue, passa a transportar o vírus e transmiti-lo a outros também por meio da picada.

A doença se manifesta entre três e 15 dias após a picada. A dengue não é transmitida por meio do contato direto com pessoas doentes.

O mosquito transmissor de dengue se reproduz com rapidez. Em condições favoráveis (locais quente e úmido), a fêmea deposita seus ovos em reservatórios de água. Após dez dias o mosquito se desenvolve e o ciclo recomeça.

Ano	Notificados	Confirmados	Autóctonos*	Importados	Mortes
2004	968	189	53	136	–
2005	1131	280	114	166	–
2006	1287	294	108	188	1

* São os casos adquiridos no Distrito Federal.

Fonte: Com informações do Ministério da Saúde